



DE 1 TUDO

deribaldo santos

**1**  
DE **1** TUDO  
deribaldo santos

Digitalizado no Brasil/Digital in Brazil

deribaldosantos@yahoo.com.br

Editora Corsário

www.corsario.art.br | mardfranca@gmail.com

**Ficha Técnica**

Editor Responsável | Mardônio França

Revisão | Geisiani Cristina dos Santos / Fábio Saraiva de Lima

Projeto Gráfico | Dirceu Matos

fotografia de Capa | Dirceu Matos

fotografias | Ana Luísa Belmino / Chica Galilea / Paula Lima

**1  
DE TUDO  
deribaldo santos**

À Geisi  
pelo brilho que  
seu sorriso traz  
às manhãs  
tardes  
noites  
e  
madrugadas

## Peníslas de um Velho Mundo

A chegada foi cansativa mas bem tranquila. Como passei o dia em Lisboa, acabei dando umas voltas na capital portuguesa, onde almocei uma feijoada com feijão-branco e couve cozinhado. Cheguei em Madri perto das 19 horas. Fui recebido por Galiléia.

Galiléia me arrumou a vaga em lugar de um outro brasileiro que retornou, já estava a minha espera no aeroporto.

A casa é boa. Na verdade, um pequeno apartamento próximo ao campus. São três quartos, cozinha, banheiro e uma sala que se transforma em quarto quando chega algum convidado. Galiléia comprou para mim a bicicleta do antigo hóspede, mas ela é pequena. Aqui é muito comum a locomoção com esse transporte.

O bairro se chama Ciudad de los Poetas, em homenagem ao poeta Antonio Machado. A outra moradora da casa se chama Nury, nascida em Guayaquil, no Equador. Ela é muito falante; eu e Galiléia nos esforçamos para falar sempre em espanhol para que Nury possa acompanhar. Fui ao supermercado e comprei uma garrafa de vinho Antaño da região de Rioja por 1,5 euros.

Não está muito frio; à noite, perto de 18 graus. Tenho que comprar calça, sapato, toalha e uns trecos para fazer café, entre outras coisas. Amanhã, sexta, farei isso e irei a Estramgeria (pólicia federal) organizar meus documentos.

Segunda vou encontrar o supervisor da pesquisa e iniciar a investigação.

## Uma canção de saudade

A cidade universitária é muito grande. De casa para chegarmos até lá, pelo caminho mais curto, pedalamos pouco mais de 3 km e atravessamos o parque Dehesa de La Villa que tem uma área de mais de 650 mil m<sup>2</sup>. Na ida, a maior parte é de descida. Isso quer dizer que na volta o jogo é duro. Sorte que no meio do parque há uma bica com água potável. Parece que, se eu aguentar o rojão, vou voltar em forma. Inclusive, hoje fui comprar o que me faltava em um shopping da cidade pedalando. A bicicleta é pequena para minhas pernas. Então, o percurso de ida e volta das compras foi de tirar o fôlego. Mas já estou me acostumando a isso, e ele hoje é um problema menor.

Para ser sincero a saudade é o que mais me tira o ar!

Bem, esse sentimento que somente em nosso idioma (falado no Brasil) tem uma real aproximação ao seu autêntico sentido, é muito estranho. Porém, mais confuso do que os motivos provocadores são as tentativas de defini-lo !

Certa vez ouvi de um pastor anglicano a seguinte elucubração:

“a saudade é a prova que Deus nos dá de que tivemos um passado feliz”.

A transcendência do religioso suscita mais uma entre tantas lamentações que tenho a escrever neste diário; tenho dúvidas sobre os dois: Deus e a felicidade. Contudo, não há nenhum equívoco sobre a concretude da saudade que sinto agora.

No mundo das crianças, saudade era simplesmente a falta de alguém que não estava perto.

O sambista Paulinho da Viola, por sua vez, considera que sua saudade é o agora, ou seja, o que viveu e o que sentiu refletem no dia-a-dia.

Se ainda a resposta sobre esse sentimento fosse dada por um filósofo alinhado a Kant, ouviríamos:

Não é saudade o que pensas sentir; é sim, apenas o que imaginas ser a saudade, sendo esta sem nenhuma concretude no presente, portanto, uma saudade discursiva e alusiva à imagem projetada na idéia do que pensas ser a saudade.

Entre o vôo do pastor, a inocência infantil, a elegância do músico e o idealismo filosófico, fico, sem medo de errar, com a pureza pueril. Com isso, quero apontar que esse sentimento é tão austero que mesmo se, quem o sente, fizer uma análise do objeto que o gera, em nada contribuirá para anulá-lo.

Não sentimos saudade somente do que queremos, tampouco daquilo que não queremos. A hierarquia do que se sente é construída num tempo passado, mas que se expressa no presente e às vezes reverbera no futuro; nossa racionalidade não tem mais como intervir, não podemos, de jeito pronto, deixar de senti-la, interrompê-la, anulá-la.

Incapacitado para agir, então, somente e finalmente posso revelar à saudade como estou hoje. Isso faço na tentativa de, pelo menos, vingar-me dela ao reconhecer seu poder.

Para confessar o que estou sentindo, portanto, utilizo-me da síntese elaborada por Itamar Assunção através da música Devia ser Proibido:

“Devia ser proibido/ Uma saudade tão má/ De uma pessoa tão boa/ Falar, gritar, reclamar/ Se a nossa voz não ecoa/ Dizer não vou mais voltar/ Sumir pelo mundo afora/ Alguém com tudo pra dar/ Tirar o seu corpo fora/ Devia ser proibido/ Estar do lado de cá/ Enquanto a lembrança voa/ Reviver, ter que lembrar/ E calar por mais que doa/ Chorar, não mais respirar (ar)/ Dizer adeus, ir embora/ Você partir e ficar/ Pra outra vida, outra hora/ Devia ser proibido...”

## Nascimento de um velho

Hoje é domingo e está fazendo um lindo dia de sol, com os termômetros marcando acima dos 25 graus. Dizem que é um fenômeno raro para fins de outubro. Com esse ânimo fui até uma feira de livros usados que fica nas proximidades do museu do Prado. Posso adiantar que a rotina já se encaixou.

Estudo filosofia clássica e moderna diariamente durante uma hora sob colaboração da filósofa Galileia que está aqui realizando uma pesquisa de doutorado sobre Filosofia Árabe Medieval. Por volta das 10 horas ela vai para a Universidad Complutense de Madrid, pois prefere estudar na biblioteca.

Com isso a casa fica só para mim, posto que a Nury, terceira moradora do piso, sai para trabalhar antes das 8h.

Estudo até às 15h, em seguida vou preparar o almoço. Depois de lavar a louça durmo um pouco e lá pelas 19h, às vezes quando está sol, vou para o parque ler um pouco e mirar o ocaso.

A semana de 12 a 17 de outubro de 2014, contudo, tive que conviver com uma bem-vinda quebra de rotina. Ilan, meu filho, veio de Milão passar uma semana comigo.

Depois de ter perdido o vôo por ter se encostado em um canto para dormir (coisas do Ilan).

Estou sem celular e o desencontro foi inevitável. Depois de alguma tensão conseguimos contato pelo telefone de Galileia que o instruiu sobre como chegar ao apartamento.

Passeamos muito pela cidade: parque Dehesa de la Villa, Parque de El Retiro, Calle Lava Pies, onde se concentra a maior diversidade cultural de Madrid, Barrio de Malasaña, entre outros lugares. Em uma das noites fomos ao bar El Junco assistir a um concerto de jazz pop latino. De tudo, o ponto alto, na opinião do próprio Ilan, foi a viagem para a cidade de Cuenca, distante de Madri cerca de 160 km.

Pegamos o que aqui se chama Bla Blacar, uma espécie de carro compartilhado em que o carona paga um valor ao motorista para fazer o trajeto. Os dois se comunicam através de um dispositivo de internet e acertam lugar de embarque, horário e preço.

Nossa viagem foi em um automóvel da marca Audi, modelo A4 e guiado por um armênio que nos confessou ter fugido de seu país motivado pelas perseguições vindas dos muçulmanos contra os radicais cristãos. Em uma das muitas retas de uma rodovia que, na faixa da esquerda, a velocidade mínima permitida é de 120 km/h, o católico radicalizou no acelerador até ultrapassar os 220 km/h.

Em Cueca, o dia foi maravilho, não tenho outro adjetivo para gastar com a viagem; se o tivesse, assim o faria. Depois de visitarmos alguns dos mais importantes pontos da cidade, principalmente os mirantes, improvisamos um almoço no parque ao lado do rio Júcar.

Ilan partiu na manhã do dia 17. Eu fiquei com uma sensação de que ele está muito mudado. Perdeu um pouco do jeito de menino. Por um lado ganhou mais juízo, mas por outro bebe mais cerveja. Enfim, está mais maduro e muito mais bonito. Agora tem cara de homem: se parece mais ainda com o pai.

Sob alguns raios de sol de fim de tarde que iluminam o teto do museu do Prado, a constatação do amadurecimento de meu filho força-me a encerrar este diário com a seguinte reflexão: quando ele partiu, há pouco mais de um ano, para São Paulo e depois para Milão, fiquei com uma sensação de que havia perdido meu filho, meu menino para o mundo.

Agora, após sua partida, além de conseguir segurar as lágrimas, o que não ocorreu da primeira vez, fiquei com o sentimento de que ganhei um amigo, um homem que está no mundo e a este pertence.

## A língua e seus labirintos

Hoje é domingo e está fazendo um lindo dia de sol. Meu cotidiano de estudante teve que absorver e se encaixar com mais uma tentativa de aprender inglês. Esse idioma se impõe agora mais que nunca, visto que, pelas necessidades da pesquisa, preciso realizar algumas visitas em outros países e como a língua dos aeroportos, rodoviárias, hotéis, estações de trem, supermercados e demais lugares mortos é o inglês, o inadiável se tornou inadmissível.

Assim, acabei encaixando um curso com duas aulas por semana. O interessante disso é estudar inglês tendo como mediação o espanhol e com professores que não falam bem o castelhano. Dessa vez espero definitivamente vencer a barreira de aprender inglês.

Nesse jogo idiomático, tem dia que acordo com fissura para falar pelo menos uma palavra em português, sendo entendido, obviamente. Nessa estranheza linguística, quem me salva a angústia é o telefone.

Ligo para Geisi, mamãe, Ana Luiza, Ilan entre outras pessoas, somente pra falar qualquer coisa, amenidades.

Disso não se deve concluir que meu castelhano está voando. Ao contrário. O que posso dizer depois de um mês em Madri é que estão evidentes minhas limitações vocabulares com este idioma. Tenho problemas com as pronúncias, principalmente as que incluem os fonemas 'r', 'rr', 'g', 'gr' 'j' e 'rj'. Falar, por exemplo, o nome próprio "Jorge" representa grande dificuldade para mim.

O nome do professor da Complutense Ramon tem que ser pronunciado diferentemente da pronúncia do delicioso alimento "jamon". Pior é não conseguir falar corretamente a expressão "coger" que significa agarrar, muito utilizada na rua, por exemplo, simplesmente para designar que vai pegar o metro (coger el metro). Outros problemas são as inversões de gêneros e os pseudo cognatos. A palavra "apenas", para citar somente esse exemplo, eles usam no sentido de "quase nunca" ou "dificilmente"; na hora de comprar azeite, cuidado, pois a pronúncia correta é (aceite), com a língua tocando os dentes para pronunciar o 'c'. O mais constrangedor, contudo, pode ser a simples pergunta sobre a idade de alguém, pois a palavra portuguesa "ano", significa em espanhol "ânsus".

Embora alguns desses problemas sejam inevitáveis, posso adiantar que desde a chegada já progredi muito, visto que na maioria das conversações não encontro grandes obstáculos para ser entendido, tampouco para entender o interlocutor; inclusive já tive alguns sonhos em castelhano, mesmo que tais devaneios tenham como textura, cor, temperatura e sorriso os objetivos deixados no Eusébio.

## Renascimento italiano

No diário anterior falei que já tinha uma rotina definida. Pronto, quebrei a tal da rotina.

Passei uma semana na casa de Ilan. O rapaz completou 21 anos no dia 23 de novembro de 2014 e resolvi participar de sua festa de aniversário. Tenho muito o que contar sobre o meu filho, sobre sua festa de compleanno e sobre seu cotidiano italiano. Mas o diário é meu e, ademais, é sempre mais confortável falar dos filhos alheios do que dos nossos. Por isso vou me concentrar em dois episódios. Primeiro falarei de nossa viagem para visitar a cidade de Florença e depois me permitirei elucubrar abstratamente acerca do tempo e do espaço, e de como essas objetividades transformam as pessoas, a exemplo de meu filho.

Pela natureza da pesquisa que desenvolvo, como já falei, preciso visitar algumas cidades. Florença foi a escolhida da vez por abrigar parte do acervo de Miguel Ângelo e Leonardo da Vinci e ainda por estar próxima a Milão, cerca de duas horas de trem. Fomos e voltamos no mesmo dia. Fizemos o percurso turístico quase todo a pé. Apenas na subida até o Mirador de Miguel Ângelo foi preciso recorrer a um ônibus.

Não se pode dizer muito sobre a cidade com uma simples visita de um dia, restrita ao que é captável às apressadas miradas dos turistas.

Mas, para além dessa advertência, sobre o que foi possível ver... minha nossa, difícil adjetivar! No pequeno caminho que fizemos, indicado por um desses pontos de atendimento ao turista que há nas cidades desse porte, é flagrante a quantidade de monumentos, esculturas e ornamentos nas ruas, praças e parques. Fiquei particularmente impressionado com três fatores: primeiro, o edifício mais alto da cidade é a cúpula da Basílica de Santa Maria de Fiore, ou catedral de Santa Maria da Flor, o que pode se ver estando no Mirador de onde Miguel Ângelo olhava – se inspirava – a cidade; em seguida, a pintura que reveste a parte interna desta cúpula é indescritível por conceitos; pintada inicialmente por Giorgio Vasari e concluída por Federico Zuccari procura representar o Juízo Final. Eu ficaria ali o dia inteiro, talvez mais, deitado no chão olhando pra cima. Por hora, quero registrar como é impressionante o fato de o tempo – lá vem ele de novo – não desgastar a beleza e a profundidade de algumas das criações de Miguel Ângelo, Leonardo da Vinci, Giorgio Vasari, Federico Zuccari, entre outros artistas.

A reflexão contemporânea filosófico-social sobre o tempo e o espaço, sobretudo a que se alinha aos chamados modismos teóricos, costuma desconsiderar a objetividade material do tempo-espço, sua independência de nossa consciênci

Como o espaço objetivo e material desse diário é pequeno, não tenho tempo para apresentar um contraponto a essas irracionais. Vou me concentrar apenas em divagar sobre Ilan, Miguel Ângelo e Leonardo da Vinci e suas relações com o tempo-espço.

Bem, dito isso, para que minhas divagações possam se posicionar com mais desconforto, lançarei mão de alguns elementos desobrigados do rigor das verificações, ou seja, apelarei para alguns exemplos da poesia cantada contemporânea brasileira. Inicialmente chamo a presença de uma sensível “brincadeira” que o compositor Siba fez com o conceito de tempo. Esse artista, acompanhado do Fulorestá do Samba, assim canta: “Toda vez que dou um passo o mundo sai do lugar/ Eu vivo no mundo com medo, do mundo me atropelar/ E o mundo por ser redondo, tem por destino embolar/ Desde quando o mundo é mundo, nunca pensou de parar/ E tem hora que até me canso de ver o mundo rodar/ Quando eu vou dormir eu rezo pro mundo me acalentar/ De manhã escuto o mundo gritando pra me acordar/ Ouço o mundo me dizendo: - Corra pra me acompanhar!/ Se eu correr e ir atrás do mundo vou gastar meu calcanhar”.

Ao ver meu filho com o viço de sua juventude e sem a mediação necessária de planejar seu futuro, comentando exageros e excessos, torna-se inevitável a reflexão: se eu tivesse 20 anos de idade e morasse em Milão em pleno século XXI, eu pensaria mediadamente no futuro? Pergunta difícil não vale!

Vamos ver se Siba e sua linda Fulorestá ajuda a responder. Em outra canção, o mesmo grupo canta: “O tempo é ventre fecundo aonde tudo é gerado/ Se o tempo fosse parado nada existia no mundo/ Ninguém sabe o que será do tempo futuramente/ Mas o tempo do presente/ Tudo tem e tudo dar/ Que o que tem no tempo/ Está em um caderno anotado/ Tudo que o tempo tem dado/ De tempo em tempo se soma/ Que o tempo com tempo toma/ Tudo o que deu no passado.

Ainda não estou em condições de responder!

Para ganhar tempo, enquanto esperamos que a resposta brote, voltemos então a minha dívida acima referida sobre a terceira coisa que mais me impressionou em Florença – Firenze, como eles chamam com um bonito sotaque toscano. Para falar a verdade, essa impressão não é só referente à Italia, mas a toda à Europa que já percorri. Apesar de parte significativa da sociologia alegar que a chamada globalização rompeu fronteiras e barreiras culturais, assistimos em todo o continente europeu o aumento da intolerância aos estrangeiros. Ilan, por exemplo, para continuar trabalhando em Milão, terá que retornar ao Brasil para cumprir exigências burocráticas relativas ao visto que ele não tem.

O caso dele é ínfimo se comparado a quantidade de trabalhadores ilegais – africanos, latinos, europeus do Leste, entre outros – que lotam as ruas das cidades da Europa central.

O espaço da linda Firenze é só mais uma cidade a mostrar essa “dialética da dor”: músicos tocando nas ruas ou nos trens em troca de centavos, pedintes nas estações, desocupados furtando carteiras, entre outros descuidistas e descuidados. Isso tudo em meio aos monumentos de Miguel Ângelo e Leonardo da Vinci historicamente consagrados pelo tempo. Doí profundamente ver que a mesma sociedade que consagra como sua autoconsciência essas criações permite que pessoas morram de frio e de fome.

Cadê as quebras de barreiras e fronteiras comemoradas pelos analistas da hora?

Pergunta difícil não vale! Já sei.

Permitam, caros amigos leitores, terminar este diário sobre Miguel, Ilan e Leo sem respostas, mas com uns goles de poesia que se não anestesia aquela dor, pelo menos mostra como a saudade se engalfinha com o tempo e o espaço. Para isso, vou concluir com uns poucos, quase loucos versos da cantora Céu. Ela diz que ao completar 18 anos, ao fim do curso médio, decidiu ir morar em Nova York.

Já sabendo que queria ser cantora, ao sentir-se longe de casa e sem saber quanto tempo levaria para retornar, compôs a sua primeira música:10 Contados. Antes, porém, de expor alguns destes versos, gostaria de dizer que minha satisfação ao ver o orgulho de meu filho ao me apresentar para seus amigos é como as obras de Miguel e Leonardo: não tem tempo e espaço que a desgaste.

" Meu amor não se atrasa na volta não/ Meu amor não, não,  
não/ Meu amor não se atrasa na volta não/ Meu amor, meu  
amor, meu amor, quem mandou?/ Mandei uma mensagem  
a jato às entidades do tempo/ Já me foi verificado que nem  
mesmo haverá segundos/ Que os minutos foram reavaliados  
e que pra cada suspiro serão 10 contados ".

## Penísulas, Penísulas, Penísulas

Quando viajei para a Espanha acordei com Geisi de que passaríamos os festejos de fim de ano juntos e logo compramos sua passagem para a Europa entre 22/12/14 e 04/01/15. No âmago das confusões que envolvem esse tempo de distanciamento, acertamos que iríamos à Barcelona ou Paris, passar as comemorações de ano novo. Com mais calma e depois de um melhor entendimento sobre as dificuldades que enfrentaríamos com o tempo e a distância, relativizamos a posição inicial e concluímos que valeria mais a pena visitar nossa amiga Maria, uma portuguesa que morou alguns anos em Quixadá. Trocaríamos os lugares pelas pessoas, visto que a própria Geisi não viajaria para a Europa pelo continente, mas para estar comigo.

Quando Geisi chegou, conforme combinado, batemos perna em Madrid. Logo na primeira noite fomos ao bairro Chueca, depois à Malassaña. Nos dias seguintes visitamos o museu do Prado, o parque Retiro, o Lavapies, vários monumentos históricos e algumas praças e lojas; perdão: muitas lojas, além da feira do bairro La Latina.

Na noite de Natal, também motivados mais pelas pessoas do que pela cidade, fomos para Salamanca. Há nesta cidade muitos estudantes e pesquisadores brasileiros e como Galiléia morou por lá, nos incentivou a optar por passar a noite de 24 de dezembro a uma temperatura de dois graus negativos. Não posso deixar de dizer que Salamanca é muito bonita. Suas inúmeras igrejas e seus exuberantes monumentos históricos, registrados nas fotos de Geisi, servem de provas. Por falar em prova, levar uma quixadaense para passar a noite de natal abaixo de zero foi uma prova de fogo para qualquer relacionamento. Alias, penso que se Dante tivesse nascido no Ceará, sua refiguração de inferno seria gelado ao invés de quente. Diríamos então: "mais que frio infernal". Já em Quixadá se ouviria: "mais que calorzinho insuportável".

Sobre decidir pelas pessoas em primeiro plano, não poderíamos ter tomado uma decisão melhor. Apesar do frio, o calor humano de nossos anfitriões em Salamanca foi compensador. Maria e seu companheiro Vasco – se bem que poderia ser Flamengo – nos receberam no Porto Seguro de vossa casa da melhor maneira possível.

Ademais é delicioso em plena Europa estar perto de pessoas que valorizam vários hábitos adquiridos em terras cearenses. O carinho dessas acolhidas materializou-se maior e melhor do que granjear por qualquer que fosse a cidade.

Com o casal portuense falamos dos modos cearenses, comida, música, relacionamento, família, emprego, estudos e mais um montão de coisas, utilizando o bom e lindo português. Por fim, ou por começo, quiçá meio, assistimos ao espetáculo pirotécnico da passagem de ano na praça dos Aliados no bairro da Baixa portuense. Tudo isso ao incrível som da banda Clã.

Manuela, a vocalista, de tanta energia, terminou sua apresentação usando apenas uma camiseta e calça jeans, em plenos 6°C. Sobre a cidade do Porto resserve-me a dizer que é umas das mais lindas cidades que já pisei. Para que o leitor possa entender os motivos dessa declaração, abaixo transcrevo trechos de uma crônica que escrevi a primeira vez que estive em tal cidade.

(...)

Estando no Município de Vila Nova de Gaia, separada daquela cidade apenas pelo rio D'ouro, a cidade do Porto parece mais linda do que quando estamos a andar por entre suas ruas. O distanciamento faz-nos ver as belezas da natureza, o rio, bem como as criações humanas, a cidade. Andando entre as vias, becos e avenidas, enxergamos o que o homem é capaz de realizar. Já quando estamos em Gaia é perfeitamente possível de se observar as duas esferas: a biológica e a social.

O Porto não é bonito somente por seus sítios históricos, embora estes realmente sejam muito belos; ele tem um negócio de bucólico com moderno que intriga e instiga a compreensão. A uma certa distância, a coloração dessa cidade esclarece aos olhos a cor de suas edificações acinzentadas, feito vegetação de caatinga no fim do verão. Estando dentro do Porto, andando entre suas ruas, becos, ladeiras, vilas, vias, igrejas, casarões, museus, mercados, muralhas e castelos, suas cores realmente se parecem com as cores da caatinga. Porém, olhando de dentro, o colorido dos azulejos é tão vivo que volta a lembrar a vegetação do Nordeste brasileiro; não obstante, após ela ser iluminada pelo sol de inverno que as primeiras chuvas já foram suficientes para realçar sua excitante coloração. Olhando deste ponto de referência, o colorido dos azulejos se sobrepõe ao mórfico do cinza. Com efeito, a exuberância das formas ainda é a garantia maior da beleza dessa cidade.

## Escritas

Demorei a voltar a escrever.

Alguns motivos me impediram de dar prosseguimento aos diários com a frequência habitual. Simplificando, posso dizer que um imenso e inquietante vazio tomou conta de mim nos primeiros dias do ano, no primeiro mês. Isso também resultou certo prejuízo para a minha pesquisa, hoje já em fase de sistematização. Com o retorno de Geisi para Fortaleza logo após o fim dos festejos de passagem de ano não consegui mais retomar o mesmo ritmo que vinha imprimindo aos estudos.

Mas este não foi o único motivo.

O frio aumentou; Ilan não conseguiu retornar a Europa motivado por problemas com o visto; minha mãe celebrou 70 anos sobre a minha ausência. Tive também uma forte crise de bronquite asmática. Esse conjunto de fatores decididamente mexeu com meu cotidiano de pesquisador que se achava suspenso por sobre sua cotidianidade. Agora, sinto que não vou dar conta do que me propus inicialmente concretizar.

Relaxe!

Decidi sistematizar o que conseguir fazer aqui e levar o dever de casa para o Brasil. Preciso dizer que esta é a primeira vez em que estudo sem trabalhar. Mas, assim, limpo e seco e sem mediações, constituiu uma meia verdade. De fato a separação de meu cotidiano e a estada na Espanha com suas possibilidades bibliográficas e facilidades de movimento, possibilitou-me encaminhar o que jamais faria se estivesse entre Fortaleza-Quixadá-Limoeiro. Porém, a mescla de professor com pesquisador tem seus limites: ônus e bônus. O mês de janeiro de 2015, além da corajosa ocupação da reitoria da UECE posta a cabo pelos estudantes da FECLESC que lutaram pela justa distribuição de vagas para a sua Faculdade – independente de que Camilo Santana e a administração superior da UECE esteja administrando a miséria –, trouxe também a proximidade da defesa dos estudantes de mestrado da turma de 2013. Uma enxurrada de textos tive a obrigação de corrigir e ou avaliar. Não falei do preenchimento de um monte de entediantes fomulários e relatórios que a carreira de investigador me força fazer. Diante de tudo isso e para tentar tarar a falta que me faz a Noite dos Tambores Silenciosos e ainda procurando preencher aquele vazio, retorno as viagens que pretendia fazer. Marrakech, um sonho antigo, foi a escolhida da vez. Redijo este diário da cidade de Ouarzazate, porta do deserto e por certo, não pode ocupar meu vazio.

Para não terminar este diário com o acento carregado no ônus, vou transcrever o poema Ausência de Drummond que Ellem Ribeiro epigrafa em uma das dissertações que tive a obrigação de ler. Ellen obrigou-me ao bônus de ler os seguintes verso do nosso maior poeta:

"Por muito tempo achei que ausência é falta. /E lastimava, ignorante, a falta. /Hoje não a lastimo. Não há falta na ausência. /A ausência é um estar em mim. /E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, /Que rio e danço e invento exclamações alegres, /porque a ausência, essa ausência assimilada, /ninguém a rouba mais de mim".

## Cidades Persas

No diário anterior me lamentei por ter que trabalhar mesmo estando afastado e à distância para realizar uma pesquisa. Disse também que, por isso, a frequência dos diários se abrandou. Tentando apontar os motivos para essa queda de ritmo indiquei o não afastamento das atividades universitárias. Disse, ainda, que para ocupar meu vazio eu tinha “metido o pé no mundo” e seguido para o deserto africano do Marrocos. Possivelmente para muitos dos poucos leitores deste diário isso traz mais bônus do que ônus.

Terão razão?

Para poupar esses corajosos leitores de um tédio ainda maior, não vou detalhar os acontecimentos anunciados. Mas, adianto que a concepção de tais acontecimentos esta é a raiz do vazio mencionado no diário passado. Mais uma vez, e para fazer justiça aos que pensam por si só, não vou apresentar uma suposta ponderação pronta e acabada para essa questão meramente existencial. No entanto, vou dizer que estar no Marrocos tentando compreender o movimento da vida, pode até não colaborar com a investigação proposta, porém me dá uma melhor posição para inferir sobre o que significa a estética hoje: um dos objetivos da citada pesquisa. Não vou falar de Marrakech, Zagora, M'Hamid, Errachidia, Costa, Tanger ou de qualquer outra cidade que visitei no Marrocos, nem mesmo do deserto.

Essa experiência é muito subjetiva, mesmo que sobre a objetividade imensa do deserto. Não obstante, e para não parecer deselegante com esses poucos mas fidedignos e exigentes leitores, quero terminar este diário com a estrofe derradeira da composição Deserto de José Maria Trindade. Depois de tipificar o que é um deserto, ele conclui seu realismo com a seguinte dose de reflexão: “No deserto/ Ouço o fundo da alma/ E, se a areia está calma,/ O bater do coração/ É que tanto deserto/ Tão de repente/ Faz-me pensar/ Que o deserto sou eu/ Se não me vieres buscar”.

## Liberdades !

Quando menino, andando pelas ruas do bairro de Santa Rosa, na temperada e linda Campina Grande, não tinha como refletir acerca do que deixar para o mundo.

Hoje tenho!

No final da década de sessenta eu sequer podia indagar sobre a existência de uma dezena de irmãos paternos que nunca os vi. O máximo que entendia, sem muita certeza, era que minha família precisava se mudar para o Rio de Janeiro.

Já levei-me a pensar que talvez o melhor a deixar para o mundo sejam Ilan e Ana Luiza: Ele com a ilusão de que vai ser Apolo por toda a vida e ela com o pedantismo pueril de querer ser mais do que já é.

Mas, se esse for o meu melhor, nego o que recentemente reconheci em minha mãe: sua capacidade de se universalizar tratando como seus os filhos que não pariu.

Como mais militante da ciência do que cientista, seguro estou que o meu melhor não figurará no famigerado currículo Lattes. Vivendo hoje materialmente dessa militância e diante do desafio de estudar as origens da arte. Entre o fabuloso realismo das pinturas rupestres, a Luz de El Greco, os versos de Keats e a música de Itamar Assunção ou de Jackson do Pandeiro, sou tomado pela insegurança da seguinte indagação: nos dias de hoje qualquer ciência com um mínimo de pretensão revolucionária, como a minha, jamais poderá se fixar como algo importante.

Tampouco posso creditar aos poucos versos que compus, acordado com meu restrito mundinho, a capacidade de se universalizar.

Continua sem resposta a pergunta: o que tenho de melhor para dedicar ao mundo?

Posso garantir com completa segurança, voltando aos meus filhos, que este sentimento nutrido por eles foi o melhor que eu já produzi/senti.

Será, então, que o melhor não é deixar algo ao mundo e sim tirar dos que nele vivem o seu melhor? Em caso afirmativo, isso também é uma missão complicadíssima!

Embora complexa, se essa seta apontar o caminho para a resposta, quero declarar a minha disposição a elevar meu sentimento ao patamar dado por Beto Guedes e Ronaldo Bastos, como um Amor de índio.

Ou seja: Com todo o cuidado/ Pra durar/ Sim, [porque] todo amor é sagrado/ E o fruto do trabalho [esse] / É mais que sagrado/ Lembra[r] que o sono é sagrado/ O tempo acordado [precisamos] de viver.

Essa minha declaração pública de incompetência para encontrar o meu melhor, pelo menos, aponta para minha disposição – talvez do tamanho da incompetência – de pensar em renovar minhas relações com o outro.

Sabe por quê?

Porque os “sonhos não envelhecem”.

Ao menos não deveriam!

## Crepúsculo e Fausto

Minha estada européia começa a chegar ao fim. Muita coisa boa tenho para contar. Umas de tão impressionantes e fantásticas apenas à recordação posso reservar. Muitas outras ruins eu prefiro nem pensar, por isso, tampouco aqui contar. Como o fim sempre desperta certa nostalgia e revisão, com esses dois meses restantes – apenas mais dedicado à pesquisa –, recorto um aspecto que me fez refletir com alguma profundidade nesse tempo de dedicação, quase que exclusiva a uma investigação específica. Refiro-me a uma interessante reflexão de Goethe:

“O homem mais modesto pode ser completo se se move dentro dos limites de suas capacidades e habilidades; porém, inclusive, excelências grandiosas obscurecem-se, eliminam-se e aniquilam se se carece dessa adequação imprescindível”.

Queria honesta e modestamente me encaixar nos dizeres do artista. Não obstante, outro aspecto me cobra a reflexão. Como sempre achei que os limites de minha inteligência e de meu talento teriam que ser compensado com disciplinaritmo e coragem, depois de ler em Goethe tais versos pus minha coragem na berlinda. Até que ponto tenho valentia para mudar o que me é confortável? Não o que me incomoda.

Parece razoável a pretensão de mudança sobre o que não nos é agradável. Falo do que de mais profundo me é favorável, mas ao fim e ao cabo são elementos questionáveis para quem se pretende revolucionário como eu.

Falo de cortar a própria pele! Já ouvi com corriqueira frequência que em time que ganha não se mexe. A pergunta a ser feita é exatamente quem está ganhando e qual é o prêmio a ser recebido.

Como tentei indagar no diário anterior, nas relações humanas o que se ganha é o que se sente. Esse deveria ser o verdadeiro presente. Como também já ouvi, não com menor repetibilidade, que sou insatisfeito por natureza – como se minha essência fosse imutável – e que deveria aquietar o facho e o fim, mesmo que de um pequeno ciclo como o que agora se aproxima, mexe profundamente com o que vou fazer com os resultados disso, bem como com o que vou prospectar para o futuro.

Bem, se Goethe serve para a indagação sobre se concentro inteligência, esperteza, malandragem, se sou corajoso, disciplinado, ou algum outro predicado que me caiba ou que me escape, agora o que mais me importa, parafraseando o poeta paraibano Braulio Tavares, é o que falta e não o que eu possa pensar que me sobra, se é que há alguma sobra.

De fato, meu incomodo com o que se há para fazer de agora em diante é com o antônimo da minha suposta coragem. Amedronta-me assustadoramente me acomodar diante do que conscientemente entendo que é preciso mudar. A covardia não deve servir de lápide para quem está vivo!



Despeço-me com mais uma reflexão do poeta alemão.

Goethe, quando tinha já 72 anos, apaixonou-se debilmente pela jovem Ulrike von Levetzow, que acabara de completar 17. Diante da recusa da jovem em se casar com o poeta, ele, ao se encontrar num pequeno balneário chamado Marienbad, escreveu o poema Elegia de Marienbad que é considerado um dos melhores da poesia alemã. Para não cansar meus heróicos leitores e, no entanto, para não deixá-los sem as pistas necessárias, transcrevo as duas primeiras e as duas últimas estrofes dessa elegia goethiana.

Que ora devo esperar de algum rever,  
Da flor ainda fechada deste dia?  
Com Paraíso e Inferno a te envolver,  
Na indecisão tua alma se angustia! -  
Adeus, ó dúvidas! No umbral dos Céus  
Ela te leva a alçar nos braços seus.

No Paraíso então foste acolhido,  
Como se jás fazendo à vida eterna;  
Finda a esperança, e o desejo contido,  
Cá estava pois a meta mais interna,  
E ao contemplar da singular beleza  
Secava a fonte ansiosa da tristeza.

Amigos fiéis, deixai-me aqui a sós,  
Em meio às fragas, entre musgo e lodo!  
Tomai um rumo! O mundo se abre a vós,  
A terra é vasta, o céu, sublime todo;  
Sondai, juntai as partes com critério,  
Sempre a estudar o natural mistério.  
Perdendo o Todo, eu mesmo, que era outrora  
Favorito dos deuses, me perdi.  
A me provar mandaram-me Pandora,  
Que mais riscos que bens trazia em si;  
À boca dadivosa eles me alçaram  
E, ao separar-me dela, me arrasaram.

## Estradas Coloniais

Este diário foi pensado, inicialmente, para falar de um atraso de 1 hora do ônibus que nos transportou de Leipzig para Praga. Também queria registrar que na Alemanha, bem como em toda a Europa, não se pode, como pensam alguns desatentos e ufanistas analistas, deixar bicicletas sem trancas. Os malacas levam pneus, selins e a bicicleta toda para serem vendidas em feiras.

Isso mesmo: igualzinho ao que fazem os descuidistas lá na feira da Parangaba. Mas não falarei das mazelas alheias, esse tipo de lera temos de sobra e não necessitamos importar tal tecnologia.

Resvolvi, então, narrar a viagem que fizemos eu, Galiléia e Felipe por parte da Europa.

Destaquei, na minha interpretação, alguns dos elementos mais importantes deste mochilão. Nossa intenção era iniciar o percurso em Berlim com finalização em Atenas. Por este motivo, batizamos a empreitada de Caminho de San Filo: à procura da dialética perfeita. Como eu precisava visitar o arquivo Georg Lukács – filósofo objeto de minha investigação – em Budapeste, incluímos na viagem, além da capital magiar, Leipzig, Praga, Viena, Bratislava.

Eles dois retornaram para Madri por Roma. Eu, retornaria para a capital espanhola por Milão, porém depois de passar por Zaragoza. Retornaria, pois, desta última cidade, todavia, resolvi dar um tibumgo nas águas frias de San Sebastián. Ufa: Tudo isso em 16 dias para eles e 20 para mim.

Com essa introdução quero lançar mão de uma expressão francesa que gosto com muito gosto: *a corps perdu*. Tenho sérias limitações em falar idiomas diferentes do materno. Nunca consegui falar inglês e o espanhol, apesar de já estar na Espanha por quase um ano, falo mal e precariamente. Nunca senti tanta falta de falar inglês. Isso é importante porque para que possamos nos entregar cegamente às esquinas de uma cidade desconhecida, a comunicação é preponderante. Porém, nem liguei para este fator e me atirei de com força pelas ruas dessas cidades. Entre elas, quero destacar Atenas e Budapeste. Não desconsiderarei Berlin, Leipzig, Praga, Viena, Bratislava ou qualquer outra. Nada disso! Contudo, foi na capital grega e magiar que tive a oportunidade de me jogar a *a corps perdu* no mundo desconhecido e de fala diferente. Muito diferente!

Nessas cidades, saí pelas ruas sem mapa, GPS ou qualquer diapositivo eletrônico que pudesse me orientar a direção e/ou os pontos a serem visitados. Estava, como um dia brincou Caetano: sem lenço e sem documento. Portanto, sem conexão com o fetiche do chamado tempo real, voei relembrando o mito grego de Ícaro. O resultado foi fenomenal.

Sei que tenho implicância com os dispositivos móveis, posto que concordo ser a tecnologia uma facilidade para a vida. Entretanto, isto não deve ser visto sem críticas. Tem gente que come, acorda, dorme, caga, dirige, entre outras necessidades humanas, incluindo as mais íntimas, conectadas.

Isso é uma doença! No que se refere à viagem, esses equipamentos são imensamente úteis. Disso não discordo. Ao contrário. Não obstante este reconhecimento, eles obstacularizam a comunicação direta entre as pessoas ou, pelo menos, a inibe. Mesmo entre viajantes que dominam o inglês, idioma que a contragosto de Suassuna controla o mundo, a comunicação se resume, ou vai em primeiro plano, ao dispositivo.

Pois bem meus amigos, nessas duas cidades, mais na capital húngara que na grega, saí de casa levando na mochila banana, água, pão e rapadura. Em um dos bolsos, alguns trocados para permitir uma cerveja. No outro, o endereço de onde estava dormindo para garantir o retorno.

Das cidades europeias que já pisei, Budapeste é a mais linda de todas. Sei que isso vai parecer exagero. Talvez seja! Pensarão na Torre, no Muro, no Big Ben, no Coliseu, ou na Acrópole. Não quero discordar se essas lembranças aparecerem. Darei razão a qualquer subjetividade.

Mas, a visão que o apreciador tem de cima da Citadella budapestiana, em que a soberania do rio Danúbio corta o conjunto arquitetônico da capital magiar, é qualquer coisa indescritível. Vou evitar os adjetivos, uma vez que meu estado emocional, quando lá estive, rodeado pela contradição trazida pela proximidade do retorno para Fortaleza em contraponto ao belo de se atirar às cegas no desconhecido, no imponderável, ou como dizia minha vó, no oco do mundo, desfocaliza qualquer tentativa de conceitualização.

Não posso desenvolver, para que o diário não fique muito longo – a agilidade é uma exigência dos dispositivos móveis –, alguns incidentes, encontros inesperados, abordagens inusitadas, descobertas inacreditáveis, entre muitos outros episódios que somente é possível a quem se joga de corpo todo. Tais eventos, mesmo perante o medo do que está do outro lado da esquina, pois esse sentimento faz parte, não pode ser desfrutado sem uma entrega total e completa às surpresas do imponderável.

Preciso epigrafar um sentimento muito peculiar que me acometeu em alguns momentos durante essa viagem. Quero destacar duas ocasiões em que eu o senti com muita pujança: primeiro, quando estava assistindo à montagem vianense de Don Giovanni de Mozart no teatro Wiener Staatsoper de Viena; segundo, perante o Mercado Municipal de Zaragoza.

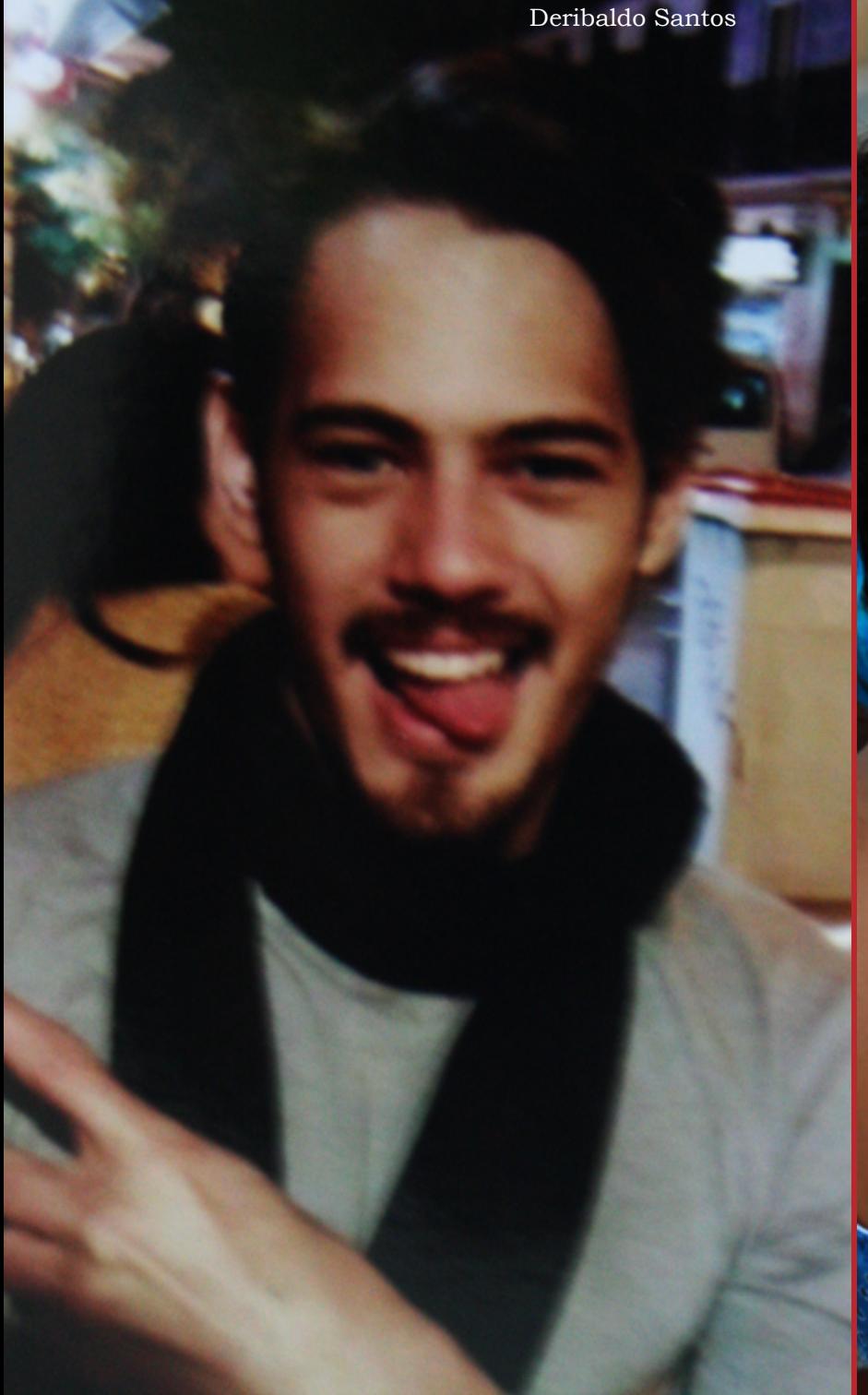
No teatro, minha vontade era lotá-lo com meus amigos, na praça, perante o mercado, o sentimento era similar. O que me incomodava era o fato de que não seja possível, a todas as pessoas, a realização dessas experiências. Ao fim e ao cabo, acabo me constrangendo com a reflexão de que nem todas as pessoas humanas poderão um dia ver a Torre, o Muro, a Estátua, o Big Ben, o Cristo, o Danúbio, a Acrópole, o Coliseu, a Pedra Furada ou a da Galinha Choca... O simples e lindo mercado estava cheio de trabalhadores vivendo seus cotidianos. No entanto, a esmagadora maioria deles jamais poderá ter acesso ao patrimônio histórico que a contradição do mundo produziu.

Há uma reflexão de Erique Dussel presente no prefácio do livro *O outro Ocidente*, de autoria de Antonio Infranca, que cabe bem para refletirmos acerca das fronteiras criadas pelos sedutores e reluzentes neons que o mundo chamado, acriticamente por muitos, de globalizado põe em nossas mãos. Dussel, referindo-se a sua partida de Buenos Aires, assim se expressou: “[...] tomei um navio (proveniente da montanhosa Mendoza) para levantar âncora para sempre, para adentrar-me no amplo mundo que não possui fronteiras (ao menos na pequena esfera de nosso reduzido planeta Terra, no qual se começa a ter claustrofobia pelo que já se percorreu).”

Queria sim, não vou mentir para não ficar feito, que todos os que amo estivessem agora aqui. Contudo, como não tenho esse poder, vou finalizar usando a indagação de Gilberto Gil na canção *Queremos Saber*, na intenção de que possamos pensar como nos tornamos presas fáceis perante algumas fronteiras que se posicionam em nossas próprias mãos:

“Queremos saber,/ O que vão fazer/ Com as novas invenções/ Queremos notícia mais séria/ Sobre a descoberta da antimateria e suas implicações/ Na emancipação do homem/ Das grandes populações/ Homens pobres das cidades/ Das estepes dos sertões/ Queremos saber,/ Quando vamos ter/ Raio laser mais barato/ Queremos, de fato, um relato/ Retrato mais sério do mistério da luz/ Luz do disco voador/ Pra iluminação do homem/ Tão carente, sofredor/ Tão perdido na distância/ Da morada do senhor/ Queremos saber,/ Queremos viver/ Confiantes no futuro/ Por isso se faz necessário prever/ Qual o itinerário da ilusão/ A ilusão do poder/ Pois se foi permitido ao homem/ Tantas coisas conhecer/ É melhor que todos saibam/ O que pode acontecer/ Queremos saber, queremos saber/ Queremos saber, todos queremos saber”

Deribaldo Santos



Chica Galilea



## Diário de Regresso

Pensei em escrever um Diário de Regresso falando das transformações que a estada de um ano, em país estrangeiro, causa em uma pessoa. Mesmo em um homem com mais de meio século de vida os câmbios são flagrantes. Queria escrever sobre as dificuldades de comunicação, os maus tratos na Estranjería espanhola, o que aprendemos e o que sentimos, entre muitas outras coisas. Gostaria de aprofundar o que para mim foi o mais importante nesse estágio, a reflexão sobre a liberdade e como fazer desse sentimento uma prática cotidiana.

Depois, queria relatar uma interessante coincidência ocorrida em Lisboa. Obviamente, essa empreitada é demasiada grande para caber em um simples diário.

Com essa ressalva em plano, inicio adiantando que, apesar de não fazer apologia nacionalista ao Brasil, sinto uma estranha e instigante satisfação de ser brasileiro.

Quando indagado por um amigo se ficaria de vez na Europa, caso recebesse um convite, preferi dar de ombro, mas agora quero fazer minha catarse sobre isso. Prefiro trabalhar em Quixadá e morar em Fortaleza em vez de viver em Madri e trabalhar em Salamanca, por exemplo. Independente se o convite veio ou não, quero declarar que as águas do Cedro me seduziram profundamente.

Na quinturinha paradisíaca do meu Quixinha eu sei que posso fazer muito. Aqui serei apenas mais um latino de acento carregado. Alias, desejo muito um dia falar um espanhol com mais acertos; contudo, jamais quero perder, no sotaque, a marca do cotidiano de onde cresci. Como diz o viajante Antonio Infranca: não podemos escolher onde nascemos, entretanto, existe a possibilidade, ainda que apenas em possibilidade, de escolhermos onde queremos viver. Eu prefiro o Quixas!

Agora quando estou regressando à Fortaleza, não sinto como se estivesse voltando a uma caverna iluminada por uma fogueira idealista. Meu sentimento é de uma viagem de chegada. Estou indo, sendo, como diz a música que tive a satisfação de compor com meu amigo Sueldo Soaress. Sinto que já estou sendo modificado pelo que me espera. Ou, como comentou certa vez Marcel Proust: a verdadeira viagem de descoberta consiste não em buscar novas paisagens, mas em ter novos olhos. Com isso, chegou a hora de tocar, mesmo que de modo abreviado, na questão da liberdade. Para pô-la em movimento, se requer muitos e complexos elementos. O diálogo é um deles, o principal, talvez. Porém, não pode ser encarado como um fim em si mesmo ou como o ponto de chegada, a luz no fim do túnel.

Os conceitos devem servir de base para o desenvolvimento de qualquer relação. A utópica liberdade, mesmo que dentro dos marcos do capitalismo, tem sim que servir de mote para o movimento em direção a ela, de modo que consiga também mexer com o próprio capitalismo, apontar para sua superação!

Para isso, os conceitos não bastam, embora, dialeticamente, nada possa ser feito sem eles. Como diria Lênin: a teoria sozinha não faz a revolução, no entanto, não se pode pensar em revolução sem uma teoria. Para que possamos desfrutar de relações omnilaterais, omnicompreensivas, omniamorosas, livres, precisamos compreender, com base no diálogo conceitual, o que está para além deste e assim iniciar a utópica tarefa de trocar o pneu com o carro em movimento.

Sem nenhuma dúvida, a experiência de passar um ano como estrangeiro deixa marcas inapagáveis.

O sentimento de liberdade, proporcionado pelas vivências da viagem, interfere decisivamente em minha motivação de pôr em movimento, mesmo em uma sociedade marcada pelo pragmatismo da mercadoria, um sentimento tão nobre. Inspirado, portanto, na poesia de Victor Hugo que concebe a ação de viajar como nascimento e morte a cada instante, quero, ao menos, buscar a utopia em direção à liberdade como ato de movimento que me tire de onde estou!

Como sabem, Ana Luiza veio me acompanhar em meu último mês na Europa. Uma maravilha viajar com uma menina falante por França, Espanha, Itália e Portugal; sem mais o que dizer. Vou apenas narrar uma inusitada coincidência proporcionada pela vinda da piveta. Quando embarcando sozinha em Fortaleza, a companhia aérea colocou-a junto a outros dois meninos que viriam para o chamado velho continente também desacompanhados.

A mãe de minha filha, Ana Cláudia, fez amizade com outra Ana, uma portuguesa que, como a primeira, também é contadora, trabalhando em uma empresa brasileira e que embarcava seu filho de sete anos para Portugal sozinho. Papo vai, papo vem, as Anas mães ficaram afeiçoadas uma a outra e trocaram contatos. A portuguesa pediu para que quando Ana Luiza estivesse em Lisboa fosse comunicada. Queria passear com minha filha. Fato é que a Ana cearense, em seu corre-corre diário, não me informou os contatos de sua nova amiga. Quando cheguei na linda Lisboa fiz o programa de passeio sem me preocupar em procurar a portuguesa e seu filho. O acaso foi, no entanto, implacável! Na manhã do dia seguinte, lá estava eu e minha pequena Ana a visitar a confeitaria que faz o famoso pastel de Belém. Sem mais delongas, fui procurar uma mesa e minha filha metida a fotografa se preocupou em tirar uma foto da data da inauguração do recinto que figurava em uma placa de mais de 150 anos. Ao tentar fazer a foto deu de cara com a amiga recente de sua mãe. Não para por aí a casualidade. O namorado da moça, o simpático natalense Alexandre Gadelha, me confessou ter estudado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte com meu amigo Sueldo Soaress, o cantor recém-citado.

Reconhecendo que a liberdade depende em muito do acaso, preciso dizer, antes de terminar, que mesmo diante de uma coincidência fabulosa como esta, a ação de ser livre não pode depender somente das casualidades.

Deixar que o vento guie para a direção que se quiser é lindo e Fernando Pessoa já o sabia. Todavia, creio ser preciso tomar o leme e procurar a liberdade como uma ponderação necessária. Andar por terras distantes e conversar com gente diversa, como refletia Miguel de Servantes, torna as pessoas mais ponderadas. Portanto, já que as viagens proporcionam essas vivências, que meu retorno de uma viagem como esta, cheia de eventos inusitados, imponderáveis, imprevistos, entre outros substantivos abstratos, sirva de mote para que eu possa entender mais e melhor o que é ser livre e que assim possa pôr a liberdade para se mover.

## Tem hora que dá medo!

Tem hora que dá medo! Essa foi a frase que um menino, quase homem, escrevera no para brisa empoeirado de um caminhão parado em um posto de combustível na cidade de Salgueiro. O rapaz, com os pés sobre o para choque do veículo, utilizando seu dedo indicador direito, parecia divertir-se ao escrever a expressão como forma de passa tempo para uma madrugada sertaneja. Essa frase (a exclamação é por minha conta) marcou o restante de minha viagem.

Saí do Rio de Janeiro logo após completar vinte anos de idade. Nessas quase três décadas fiz o percurso Fortaleza-Rio algumas vezes. Na maioria o transporte utilizado foi o avião. Mas também percorri o trajeto de carro e de ônibus. Contando com a primeira vez que fui da Paraíba para o Rio, ainda no início da década de 1970, eu ainda um garoto que mal conhecia um aparelho de televisão, posso hoje afirmar que a viagem terrestre sempre foi mais emocionante. Dizendo melhor, aquela primeira viagem foi a mais inesquecível de todas. Durante o longo percurso de ônibus que durava três dias e três noites, eu, mesmo sem entender corretamente as justificativas que motivara uma família inteira a se mudar para um local completamente desconhecido e distante quase três mil quilômetros, já me sentia na Cidade Maravilhosa. Tanto que já tentava imitar o sotaque dos sudestinos cariocas.

Se isso não viesse de uma pueril inocência de criança, soaria ridículo.

Ainda na adolescência, em uma dessas transgressões contra pais e adultos, viajei do Rio para Santos. Nessa ocasião, o transporte escolhido fora boleia de caminhão. Motivado principalmente pelos pares estudantis, percorri a Rio-Santos de carona. Ficávamos nos postos de combustível e abordávamos os choferes divididos em duplas e em trios, nunca individualmente. O destino era passar um fim de semana no badalado verão de Guarujá. A limitação financeira impedia algumas possibilidades inerentes aos desejos de um grupo formado por rapazes e moças como adentrar as boates mais disputadas e assistir a alguns eventos musicais ou esportivos. Contudo, e apesar da lisera a satisfação era garantida e acumulávamos história para o resto do ano letivo.

Passei esses quase trinta anos sonhando em repetir as duas viagens sobre uma motocicleta!

Algumas imagens sobre essas viagens jamais saíram de minha cabeça. Sempre lembro com nostalgia dos longos três dias passados a bordo daquele ônibus.

Os verdes túneis formados pelas copas das altas árvores nas proximidades da cidade de Campos; as paradas, nem sempre boas, nos postos determinados pela empresa de transportes; as conversas entre as pessoas, que depois do primeiro dia de viagem pareciam que já se conheciam intimamente, ao ponto de contarem detalhes de suas vidas para os “desconhecidos”; a mudança da vegetação, que ao longo da estrada parecia que influenciava costumes, hábitos e culturas; a diferença da comida que se modificava por Estado, bem como a alteração do modo como as pessoas falavam. E muito mais que agora não cabe relatar.

Sobre a Rio-Santos, uma primeira, marcante e forte lembrança são os versos da música de Roberto e Erasmo Carlos: As curvas da estrada de Santos. Predileta canção entoada por aquele grupo de jovens, que mesmos preconceituosos contra essa dupla de compositores, o que era comum a minha geração, rendia-se à interpretação dada à música por Elis Regina. Alguns outros fatos marcaram a cidade do litoral santista na minha memória. Uns mais concretos, outros mais subjetivos. A objetividade da vida material me pôs, ainda como aluno de um curso técnico em eletrônica, a passar pequena temporada nessa cidade portuária ao estagiar na manutenção de um navio. Como resultante dessa cotidianidade vivida, diversos outros elementos espirituais se espalharam.

Um ingrediente fortificador de minhas recordações da cidade santista vem da paixão que tenho por futebol. Pois vem de Santos as histórias do maior jogador de futebol de todos os tempos: Pelé. Sobre isso uso as palavras de Nelson Rodrigues, talvez o primeiro a ter chamado esse jogador de Rei: Dir-se-ia um rei, não sei se Lear, se imperador Jones, se etíope. Racionalmente perfeito, do seu peito parecem pender mantos invisíveis. Em suma: — Ponham-no em qualquer rancho e sua majestade dinástica há de ofuscar toda a corte em derredor. A íntegra dessa crônica esportiva foi publicada no jornal Manchete Esportiva, em 08/03/1958.

Por fim, o que mais me acompanhou ao longo desses anos e por conseguinte motivou a viagem pela Rio-Santos e o que mais conservei na memória, decisivamente, foram algumas fotos imaginárias e inesquecíveis daquela estrada: no centro, o cinzento do asfalto marcado por curvas sinuosas, que dividia de um lado as serras com suas rochas e do outro, o mar pontilhado com ilhas próximas às praias.

Não houve planejamento inicial. Apesar de considerar importante um projeto básico para a realização de qualquer evento, acabei elaborando apenas um plano simples com as principais paradas e suas respectivas datas. Não há espaço para isso, mas me causa desconforto a supervalorização entregue atualmente aos chamados planejamentos estratégicos. Isso parece, na maioria esmagadora dos casos, desculpa para que os burocratas justifiquem a necessidade do lucro (muitas vezes sob corrupções passivas e ativas).

O outro e mais importante motivo de não haver um plano mais rigoroso assenta no fato de esta viagem ter sido planejada muitas e muitas vezes e não ter se realizado.

Entre as inúmeras vezes que a viagem foi posta em tela e abandonada por motivos diversos, destaco o projeto pensado na companhia de amigos que comprariam a moto só para o trajeto. Em alguns casos, o veículo foi até adquirido, mas problemas outros impediram a concretização do plano. Houve uma outra ideia muito interessante em que realizariamos a sonhada empreitada em comboio. Nesse caso, carros e motos fariam o trajeto. Perfeito! Quando alguém ficasse cansado trocar-se-ia o gostoso vento no rosto proporcionado pela pilotagem da moto, pelo conforto de um carro. Nada disso ocorreu! Mais uma vez uma articulação de afazeres distintos impediu que o grupo pegasse a estrada.

Pensei, inclusive, em ir para o Rio de avião e estando lá alugaria uma motocicleta e realizaria o sonhado percurso para Santos. No fim das contas, se assim eu fizesse, ia considerar a viagem um pedaço e não completa. Isso, naturalmente, traria algum tipo de frustração para mim.

Sigo com os versos do poeta Antonio Machado:

Caminhante, são teus rastos o caminho, e nada mais;  
caminhante, não há caminho, faz-se caminho ao andar.  
Ao andar faz-se o caminho, e ao olhar-se para trás vê-se a  
senda que jamais se há de voltar a pisar. Caminhante, não há  
caminho, somente sulcos no mar.

Entretanto, alguma coisa básica e sistemática tinha que ser pensada. Consultei um profissional de educação física que prescreveu determinados exercícios para a coluna e para alguns outros músculos que seriam mais exigidos. Lá fui eu acordar às cinco da manhã para aturar por seis longos meses o cheiro de borracha e a música estressante de uma academia de musculação. Fiz a revisão da Aranha Negra e procurei adquirir equipamentos de proteção para a viagem; basicamente roupas, luvas e botas, além de alguns acessórios para a moto como uma proteção para quebrar o vento sobre meu peito.

Havia feito em 1991 uma viagem de moto pelas praias do Ceará e do Piauí até Tutóia, primeira cidade litorânea manhanense após o rio Parnaíba. Nessa ocasião, não coloquei na Maria Madalena os pneus indicados para areia. Isso trouxe muitos problemas no percurso. Contudo, a viagem foi maravilhosa e inesquecível. Cinco anos depois, também sem um planejamento rigoroso, fui até as ruínas de Macho Picho. Nessa oportunidade, estava em Salvador pulando carnaval e sem ao menos portar na bagagem roupas adequadas para suportar o frio daquela região peruana. Essa foi certamente a mais extradicionaria viagem que já fiz. Superior, inclusive, a travessia que fiz de carro, no ano de 2006, por boa parte da Península Ibérica.

Portanto, em uma bela e ensolarada manhã de sábado, trinta de agosto de 2011, logo após às seis horas da manhã, parti com a Aranha Negra em destino a Santos. Contudo, o primeiro contratempo veio logo. Antes mesmo que eu parasse a primeira vez para abastecer, antes do centro da cidade de Russas a moto começou a falhar ao ponto de não conseguir mais andar. Tive que a deixar na estrada e arrumar uma casa à beira da BR 116 para alocar a bagagem. Depois de resolvido isso, fui até o centro de Russas e voltei com o mecânico que detectou estar solta a tampa do carburador. Pronto: um indício de que nada daria certo. Errado! Segui viagem e a Aranha Negra mostrou todo seu desempenho, não apresentando nenhum outro problema mecânico.

De certo, como escrito no para brisa daquele caminhão, tinha hora que dava medo. As curvas, as ultrapassagens a cento e vinte por hora, a solidão, entre outros momentos de uma estrada, traziam um friozinho na espinha. Outro elemento digno de comentário foi o frio. Embora estando vestido com um casaco adequado para chuva, ele não conseguia impermeabilizar completamente; entrava água sobretudo pelo zíper. As luvas, mesmo sendo de cano longo e de couro indicado para não inibir o tato, também não conseguiam impedir a entrada da chuva. O contato da água com os dedos, submetidos ao vento, somado ao esforço que eles desempenhavam, deixou os indicadores e polegares dormentes, destacadamente os da mão esquerda.

Mesmo não tendo chovido muito, a água que caiu foi suficiente para, a partir do terceiro dia, os dedos começarem a doer. O dedo mínimo da mão esquerda, tinha dificuldade de se mover para abarcar o punho do guidom da moto. Vou dispensar o relato sobre o estado dos pés, pois, por questões de preço, acabei optando por um calçado não recomendado.

A dor é uma possibilidade do corpo, não tenho muito o que falar, pois foi suportável. Sobre o medo, penso que ele ajuda a controlar a adrenalina da velocidade e acaba por estabilizar o caminho. Depois, a Aranha Negra é muito mais moto do que eu sou piloto. Assim, o medo compensa o que sobra na motocicleta e acaba por proporcionar um fino exercício de humildade diante da imensidão acinzentada da estarda. E além do mais, aprecio muito o caminho pelo fato de me levar a uma chegada. Como já registrou o poeta Sêneca: Nenhum vento sopra a favor para quem não sabe para onde vai.

Pensei em desistir algumas vezes. Voltar em outras. Quis, depois de estar no Estado do Rio de Janeiro, não completar o trecho para Santos, pois já considerava estar de bom tamanho o que eu havia visto até ali. Todavia, depois de dois dias descansando em Rio das Ostras, na casa do bom amigo Washington Avelar, ganhei fôlego e segui. Na cidade do Rio de Janeiro fiquei mais quatro dias, mas ali não pude descansar, pois precisei rever amigos e parentes e, é claro, ir até o estádio do Engenhão ver meu Flamengo ganhar do Curitiba. Quarta-feira depois das sete horas da manhã saí do Rio em direção a Santos.

Parti do bairro do Leme, e por isso, tive que sair no contrafluxo. Passei por toda a orla da zona sul carioca ate a Barra da Tijuca e peguei a BR 101 depois de cruzar o bairro de Santa Cruz.

O visual dessa rodovia merece tudo que já foi escrito sobre ela. Simplesmente lindo. Recluso-me a comentar suas belezas, pois espero que todos tenham a oportunidade de trafegar pela Rio-Santos. Aos que não puderem encarar uma viagem dessas de moto, façam-na de carro, de ônibus, de bicicleta, de pés. Enfim, trafeguei na Rio-Santos até a rodovia dos Tamoios, já no Estado de São Paulo, subi a Serra do Mar até pegar a rodovia Carvalho Pinto que dá acesso a Guarulhos. Nessa cidade desembarquei a Aranha Negra de cegonha e voltei de avião.

Caso perguntem se a viagem valeu a pena, serei obrigado a socorrer-me no lugar-comum das frases feitas. Nesse caso, lembrei a reflexão do poeta Samuel Butler. Certa vez perguntaram-lhe se a vida valia à pena, ele respondeu: Isso não é pergunta que se faça a um homem, mas a um embrião. Caso estejam então convencidos da validade da empreitada, e assim, desejem saber para aonde será que eu vou da próxima vez. Responderei procurando atender a indagação daquele adolescente de Salgueiro que gosta de escrever reflexões em para brisas de caminhões:

PRA ONDE TENHA SOL, É PRA LÁ QUE EU VOU!!

## O Cobreiro

Não estou com crise de Herpes e sim O herpes zóster (cobreiro); é uma erupção cutânea com bolhas causadas pelo vírus varicela-zóster. Todas as pessoas podem vir a ter, pelo menos uma vez na vida; sua incidência é perto dos 50 anos. Seu detonador pode ser estresse, cansaço, sol, entre outras causas menos importantes. Nunca sexo em excesso! Com relação ao que vem a seguir poderia ser a primeira ou a segunda enfermidade: indiferente. O fato é que não aguentei a pressão e fui à emergência. O primeiro médico, educado e sabedor do problema, prescreveu o que tinha que fazer. Contudo, sua pouca experiência não o permitiu medir a dose correta em relação ao estágio da doença. Um dia e meio depois, após perder uma noite de sono completa e não conseguir dormir na segunda, voltei ao posto em uma úmida madrugada de feriado se sexta feira santa. Lá o segundo doutor, também muito educado, ao analisar o problema, detectou que a dosagem foi pequena.

Depois de me explicar cuidadosamente que o estado da infecção não permitiu ao remédio passado por seu jovem companheiro fazer o efeito desejado com relação à dor, e antes de radicalizar no tratamento diante de um paciente desesperado, contorcendo-se de dor, tentou o penúltimo artifício: um forte antibiótico na veia.

Meia hora depois, eu quase em convulsão: uma erupção de vários nervos dando choques de 220 volts ao mesmo tempo na nuca, no pescoço, no ombro, no braço e no peito (humanamente insuportável), ele veio e me disse: "Já tomou Morfina". "Não", balbuciei implorando socorro. "Chegou sua vez", respondeu resoluto. Négada, pensei! Pensei que Zé Maria estava me chamando. Na hora que o líquido penetrou na veia, todas as conexões de meu corpo responderam, apaguei sem apagar. Tendões, músculos, articulações: tudo respondia. Pensei que estava morrendo. Logo na sexta feita santa. Igual a o homem de Jerusalém! Valha!!!!

Porra, vou deixar de putaria e contar logo a verdade. Eu só pensei em meus filhos e na minha preta véia.



## Crônica da boa noite: um poema antes de dormir

Não guardo livros no quarto de dormir. Dois motivos principais norteiam essa minha implicância: primeiro o bolor que o papel conserva me transmite incômodos à respiração, que como em todo alérgico, entope o nariz, causa espirros, dificulta o sono; o segundo motivo é menos biológico e bem mais filosófico, ao dormir na companhia de teoria, teses, epistemes, métodos e filosofias, a mente não descansa, o músculo cerebral não relaxa, o corpo não se acomoda: não adormeço. Entretanto, felizmente há uma cômoda e elegante exceção, apenas consigo dormir tranquilamente quando leio antes de deitar, pelo menos um poema. Essas letras, contrariando aquelas, acompanham minha noite com sonhos, rimas, reflexões, amores e boniteza.

Os filósofos e suas questões, não que me desagradem, ao contrário, os admiro com respeito, rigor e transpiração, mas lê-los ao dormir atiça minha parca concentração, dificultando a entrada no estado de sono, aquele que você sente se distanciando de si e ao mesmo tempo entrando no próprio corpo. Já os poetas e suas criaturas deixam-me em elegia e contemplação, de tal modo que o sono passa a não importar mais, porém ao mesmo tempo em que a alegria invade o espírito e mesmo que a poesia proponha uma reflexão, sua forma por se confundir com seu conteúdo basta-me para proporcionar a tranqüilidade da quietude necessária ao sono.

Ler um poema é uma questão de extrema necessidade antes de deitar para dormir. Palavras sim, sei, não mais que apenas palavras, mas em forma de poesia; elas, somente elas, desnudam musas, filmam lugares jamais habitados, beijam bocas distantes, fazem os cílios tocarem bicos de seios como se fossem mamadeiras, enverdessem a seca, cavalgam entre anjos negros com azas de anil, carregam para si o agigantamento dos pequenos, enriquecem os pobres, desprezam os poderosos... “Estou quase a sonhar que durmo, preciso acordar para ver se te esqueço”.

Às vezes ao acordar durante a noite para urinar, beber água, ou apreciar o sono de meus filhos, ando pelo quarto cuidadosamente, mas acabo tropeçando nas flores que me traz Florbela Espanca, caio inevitavelmente nos braços brancos e içados à frente de Carlos Drummond de Andrade, viro para o outro lado e lá está Augusto, que tem anjos até no nome; levanto-me com o apoio da pessoa de Fernando a declarar seu grande amor a quem está de seu lado esquerdo: Walt Whitman, ao lado direito do português, Borges diz a Neruda que não o ama com a mesma precisão, mas repete que viver não é preciso; mais à frente, próximo à porta do banheiro, Arthur Rimbaud dança como se fosse um saltimbanco, procurando agradar Leminsk e provocar Rilke, Cecília Meireles dá motivos de sobra para acabar com a pendenga e me obriga a virar para o outro lado, onde encontro Victor Hugo sentado no colo de Adélia Prado, ela fala das árvores do mundo, mas é o ouvinte desse diálogo que me fixa a visão:

Vinicius de Moraes que ao perceber meu olhar, canta às mulheres procurando acalmá-las pelo sumiço eterno de Zé da Luz, anunciado por Chico Pedroza; Machado de Assis que me parece ser afeiçoadão a uma boa prosa, para meu espanto, aparece e solicita que eu diga a Djavan que antes de seu coração ser uma ilha a centenas de milhas daqui, os olhos de Capitu já adquiriam importância maior que as estrelas por estarem ao alcance das mãos; Brecht alerta que o quarto já não é tão escuro, enquanto Torquato afirma, “pra mim chega”; contudo, quando o bem-te-vi que mora no coqueiro, avisa que o dia chegou, é Patativa quem me acalma com sua voz de passarinho; insisto em permanecer na festa, mas o toque mecânico de algum aparelho eletrônico determina que não é a filosofia e nem a poesia e sim o dia que chegou.

Portanto, preciso levantar sem poetas ou filósofos para encarar o cotidiano, não o de Chico Buarque: o meu.

Quixadá, Novembro de 2007, durante a greve dos professores e estudantes da UECE.

## Vermelho da cor de sangue

Nunca tive um carro. Mas aprendi a dirigir ainda garoto. O tio Zezão saia para trabalhar e deixava seu Opala amarelo estacionado na varanda, mas sua mulher ficava louca da vida com aquela lata velha da cor dos Correios atrapalhando a passagem. Como meu tio tinha medo da dona Nita e quase nunca tinha dinheiro para colocar gasolina em sua banheira ambulante para ir trabalhar de carro, religiosamente, me pedia, para tirar seu carro da varanda e estacioná-lo em frente da casa; procedimento repetido, de forma inversa, ao fim do dia. Essa rotina me fez um motorista dos bons! Cresci e fui trabalhar de manobrista em estacionamentos rotativos, restaurantes, eventos e em outros trechos que tivesse carro por perto. Porém nunca tive um carro.

Quando comecei a namorar Rosinha, já perto dos trinta, percebi que aquela moça era a mulher de minha vida. Ela gostava muito de carro e de velocidade. Dizia recorrentemente que eu era o melhor motorista que já conhecera, melhor que os da Fórmula 1. Por insistência de minha Rosa economizei, o que tinha e o que nunca podia ter, e comprei um Gol Bola ano 1999, em bom estado de conservação, e dei de presente para minha linda flor. Se bem que o carro tinha umas coisas para fazer: uma ferrugem ali, outra aqui, as lanternas quebradas, o câmbio folgado, bancos sujos, escapamento solto etc. Mas a alegria de Rosinha não tinha preço. Com ajuda de um e de outro pintei o carro da cor do batom preferido por minha Rosa: vermelho sangue.

Como acontecera com meu saudoso tio Zézão, a gasolina era o principal empecilho para os passeios com Rosa. Na maioria do tempo o carro ficava parado nos fundos do quintal na quarta etapa do Conjunto José Walter, onde moravam os pais de meu amor. Quando eu tinha alguma folga aos domingos, e sobrava alguma grana para a gasosa, passeávamos à tarde.

Entretanto, o que minha flor rosada mais gostava era apostar corrida na estrada que liga o Zé Walter ao Palmeiras. Mas isso só podia acontecer durante a noite e com bem mais gasolina no tanque, o que a tornava ainda mais rara que os passeios ao ocaso dominical.

De todo modo, aqui e acolá eu acelerava apostando com os manés quem percorria em menor tempo o trecho, ida e volta, entre o Zé Walter e o Palmeiras. Covardia: eu sempre chagava primeiro. Para a alegria de Rosa, nunca perdera uma aposta!

Quando os playboys da Aldeota descobriram nossa brincadeira invadiram as áreas. O pior é que não gostavam de perder. Ameaçavam os que os derrotavam.

Com Rosinha a meu lado eu não podia perder pra ninguém. Mesmo sob ameaças eu chegava primeiro. Depois, sob gritos de que eu ia me arrepender, fugia e escondia o Vermelho cor de sangue nas brenhas do Zé Walter. Essa acabava por ser a melhor parte. Ver que aqueles otários, mesmo com carros mais modernos, importados não me alcançavam nos labirintos das ruas do velho Zé W.

Mas em um início de noite de domingo, quando voltávamos da Abreulândia, em frente ao terminal da Messejana, fui fechado por três caminhonetes: uma na frente, outra atrás e a terceira ao lado do carona. O barulho dos motores não me permitiu ouvir os estampidos. Vários tiros foram disparados. Rosinha foi atingida primeiro. Quando olhei para ela não consegui distinguir o que saía de sua boca, se era sangue ou batom. Outros disparos me atingiram. Mas eu já não tinha mais vida. Morrera sonhando com o sangue de Rosinha.

## Sobre ciência, amizades, músicas e lágrimas

E quando a esperança num fio balançar  
E teus olhos chorarem a falta de amor  
A força da coragem nunca encerrará  
No risco da verdade de ser vencedor  
E num disfarce louco  
A felicidade te gritará dizendo: - Estou tão perto!  
(Sueldo Soaress)

Não gosto do natal, sei que já disse isso em outras oportunidades, acho que todo fim de ano vou abrir uma crônica com essa frase. Os motivos são diversos, para hoje basta aludir sobre a chatice das músicas natalinas e a pieguice das programações televisivas. Um fato entre os demais, creio, tem maior relevância. Nessa época fico muito reflexivo: a saudade de algumas pessoas queridas que não habitam mais essa vida é aguçada. Essas lembranças facilmente me levam às lágrimas. Tal reflexão também cobra de mim uma revisão crítica sobre os resultados do ano. Olhando para trás e contabilizando os artigos e livros publicados, o período deveria ser considerado proveitoso. Não é isso o que acontece, no entanto.

Depois que a ciência virou profissão, sou menos alegre, meu humor é menor e passo menos tempo com meus amigos. São debates, palestras, mesas redondas (e às vezes quadradas), lera, lera e mais leras. O cotidiano acadêmico não me faz um ser humano melhor. A ciência, quando levada a sério, inevitavelmente, revela o que a aparência por si só não tem como mostrar; tais revelações, dependendo de seu grau de generalidade, entre outros elementos, nem sempre permitem ao cientista uma atitude imediatamente interventora. Para uma pessoa como eu, militante por formação, essa relativa imobilidade, também aparece como tristeza nessa hora de reflexão.

Desde muito pequeno que tenho dificuldade de concentração. Dizem os que me criaram que é castigo; justificam alegando que a culpa é de minha desobediência na infância e na adolescência. Isso levado a cabo, apresenta-se como mais um obstáculo ao fazer científico. É aqui que entra a música. Não conseguia ouvir música quando estava trabalhando. Para ser mais preciso, meu equipamento de som pifou, não o concertei, deixei pra lá, passei a ouvir música apenas quando estava dirigindo. Muito pouco para quem considera essa arte sua maior fonte de catarse.

Outros elementos, felizmente, entram na conta e quando os relaciono na inevitável retrospectiva, um ar de regozijo toma conta de mim. Eu precisava voltar a ouvir músicas com frequência. Decidi adquirir um novo equipamento de som, comprei o que coube no limite máximo de minhas possibilidades financeiras, financiei-o em oito vezes. O danado é do bom mesmo! Som pra todo lado: caixas na frente, atrás, nas laterais, em cima e em baixo e por aí vai. Voltar a ouvir música foi uma das principais conquistas, e ainda mais quando constato que, a duras penas, faço isso e não perco a necessária concentração para o trabalho. Daí pra frente, algumas constatações que se materializam através da música devem ser relacionadas.

Sempre tive uma implicância meio sem fundamento com o Jazz, acho que por mero bairrismo nacionalista; pinima maior eu tinha com um de seus maiores expoentes, o trompetista Miles Davis. Achava esse músico muito boçal e confiado. Até que fui à casa do poeta caririense Geraldo Basílio (minha amizade com Geraldo começou em 1984) entregar-lhe o livro que escrevi, Os cem anos do CEFET/CE; ele estava a ouvir um disco de jazz desses que se compra em bancas de jornal, encartados com livretos que contam um pouco da história dos músicos, emprestou-me exatamente o volume dedicado a Davis.

Na biografia do instrumentista estadunidense, nenhuma surpresa, confirmação absoluta de sua pompa e exageradíssima auto-estima. Mas quando botei o CD pra tocar, toda e qualquer implicância que eu tinha com o estilo e com o intérprete ruíram por água a baixo. A Faixa 14, Autumn leaves, para citar apenas essa, é uma coisa de louco, dura mais de dez minutos de pura idílica emoção, o trompete do negão tira você do chão, parece um entorpecente. Por isso, o cara é considerado O CARA do jazz. Apesar de escroto, ele é dez.

O amigo Sueldo (amizade de vinte anos) foi o responsável pelo retorno máximo do ano. No seu CD Trilhas, gravou a música, A força (faixa 12), composta em minha homenagem. A canção diz mais ou menos que eu faço a opção por viver o que posso, nos momentos que posso; que o encontro com minha verdadeira fragilidade expõe o prazer incerto do meu sorriso, alvo e amarelado pela liberdade de tentar distinguir a fronteira entre o amor e a crise de emoção, a qual adoça com sal minha teima em não desistir de ser feliz; e, que a tal felicidade num disfarce louco me grita, dizendo: – Estou tão perto!

Sou cria de uma família de pessoas choronas. Ô povo chorão! Minha tia Elza, filha segunda de minha avó, por exemplo, chora toda vez que ouve qualquer música que recorda sua mãe. Lembro-me, toda vez que falo disso, de um almoço que fizemos em minha casa para comemorar o dia dos pais, onde choramos todos, dos mais velhos aos mais jovens. Para que isso ocorresse, tivemos as conhecidas desavenças familiares. O disparo, porém, para o chororó coletivo foi uma canção de Renato Russo, Vento no litoral. Não me envergonho dessa característica, também não me orgulho. O fato é que ando meio choroso atualmente ao ouvir a interpretação de Margareth Menezes para a composição de Nando Reis, Os cegos do castelo, principalmente a primeira estrofe, quando o vozeirão da pretona canta: Eu não quero mais mentir/ Usar espinhos que só causam dor/ Eu não enxergo mais o inferno que me atraiu/ Dos cegos do castelo me despeço e vou/ A pé até encontrar um caminho, um lugar/ Pro que eu sou...

O ano que vem, apesar da história só admitir navegar em seu leito o que é inédito, deverei estar despedindo-me de mais um ano com bronca do natal, lembranças dos amigos e das músicas que me desconcentram o trabalho e me fazem secar os olhos. Ao terminar esta crônica, infelizmente, sou obrigado a escrever que dificilmente teremos uma saída inédita para as assombrosas dificuldades espalhadas pelo cotidiano da sociedade contemporânea. Amizades, canções e lágrimas, portanto, serão o meu refúgio de conforto para quando a ciência insistir em gritar: “a saída está tão longe!”.

Dezembro de 2008

## Um safado sincero

Circulávamos pelos mesmos corredores, pois trabalhávamos na mesma empresa. Eu cuidava da operação do parque gráfico, era responsável pela produção de formulários, agendas, calendários, catálogos, livros e mais um monte de similares confeccionadas na gráfica do tio de Mariah. Ela era a revisora, formada em letras e em jornalismo, cuidava ainda do marketing da empresa que também era uma editora. Herdeira única da família, a moça fora contratada pelo tio Francelino, irmão de seu falecido pai, para tomar pé do que um dia iria administrar por completo.

Não lembro a data, tampouco recordo como olhei Mariah pela primeira vez. Uma lembrança, certamente, figura com mais intensidade que as demais. Jamais esquecerei a forma de seu sorriso. Ela sorria como se fosse a última vez que faria isso, colocava a mostra todos os dentes que podia expor; sorria, como disse certa vez minha mãe, em uma dessas intermináveis confraternizações de fim de ano, com tudo que podia.

Após o expediente das sextas-feiras, frequentemente os funcionários promoviam animadas reuniões no Bar do Sapoti, localizado na esquina posterior ao quarteirão onde ficava a gráfica. Em um desses encontros, sem mais nem por que, pois Mariah não costumava frequentá-los, ela me olhou, sorriu e disse que eu era uma espécie de safado sincero, pois sempre criava uma situação discreta para apreciar sua volumosa bunda. De fato, era quase impossível não ver aquele abundante e indiscreto glúteo, contudo, o volume que mais me impressionava em Mariah era o brilho de seu sorriso, quando ela abria os lábios deixando os dentes como um out dor, enchia as marés e fornecia luminosidade ao luar, diria eu se fosse um poeta. Respondi a ela que de sincero a única coisa que eu tinha era aceitar a fama de safado, mas que entre o seu sorriso e as suas nádegas eu preferia um beijo na boca.

Dentro de seu carro, onde fomos conversar, percebi que ela não estava muito interessada na conversa, mesmo respondendo prontamente as indagações da prosa, fazia cara de tédio. Na ansiedade do que fazer para agradá-la, pensei em confirmar a intenção já anunciada de beijá-la. Mas, minha masculinidade ficaria ferida em caso de recusa. Como agravante havia ainda meu receio de estar não somente diante de uma linda mulher, mas de penetrar na intimidade do que seria futuramente minha patroa. Mesmo assim, a excitação falou mais alto, troquei o benefício da dúvida pela possibilidade do beijo.

Depois de alguns segundos suspirando a respiração um do outro, ela advertiu que o carro não tinha película fumê, afastou meus lábios que já abiscoitavam seus rosados e pequenos seios e me fez recuar. Entendi que esse ato era um convite para algo mais profundo. Fomos ao seu apartamento e fizemos sexo como se não fosse a primeira vez que nos tocávamos. Quando fiz movimento de adormecer, agasalhando-me em seu redor como se já nos conhecêssemos há algum tempo, Mariah, com o dedo em riste, severamente alegou não ser acostumada a dormir abraçada a outra pessoa. Contudo, a noite seguiu como se estivéssemos em um sonho ligeiro, suave e quente. O clarão da manhã trouxe as obrigações do dia a dia e do bis. O aconchego se desfez e levei preso na garganta o gosto de quero mais.

No dia seguinte, um lindo domingo de sol, telefonei para saber de sua vida, como tinha sido a noite de sexta e algo mais, mas resposta nenhuma obtive, pois seus telefones não atenderam as minhas persistentes ligações. Passar mensagens por internet não surtiria efeito; eu queria era vê-la no domingo à tarde, ir ao cinema, passear no calçadão de mãos dadas, tomar sorvete contemplando o por do sol. O remédio foi esperar o dia seguinte.

Na segunda-feira pela manhã, lá estava ela, sorrindo como sempre, andando de um lado para outro a mostrar o seu monumental bumbum. Mas nem me deu bola, parecia que eu era um desconhecido ou que nada de especial havia acontecido entre nos dois. Convidei-a para almoçar, mas ela disse que teria outro compromisso. Ao fim do expediente, aproveitei a saída da maioria dos funcionários, incluindo o Seu Francelino que havia saído já para ir ao oculista e forcei o diálogo. Fui logo dizendo que estava com saudades e que a noite de sexta tinha sido divina. Ela com suas costumeiras frases diretas e às vezes rudes, disse-me sem nenhum constrangimento que na sexta a única coisa que ela quisera era ver o que eu faria com a sua bunda, já que a olhava tanto, e embora concordasse que o sexo tenha sido mesmo muito bom, arrematou indicando ser improvável uma repetição, advertindo-me ainda para a necessidade da discrição sobre o ocorrido.

## Íris de Iracema

Era uma noite escura, pouco vi da cidade, a lua estava ausente. Fui abrigado em uma residência confortável, típica das famílias de classe média cearense, esta originária de Juazeiro do Norte, seu patriarca tornar-se-ia meu patrão tão logo acertássemos o que para ele já estava mais que certo, como sempre agem os patrões. Trabalhar como reparador de máquinas reprográficas na empresa do juazeirense, esse o motivo de minha vinda para a cidade de Fortaleza.

Fui morar de forma bastante precária na Rua Capitão Melo, próximo as imediações do prédio onde funciona até hoje o Serpro. O patrão reformava uma casa que, em breve, abrigaria a sua família. Não suportei muito tempo residir em um canteiro de obras e acabei mudando para uma minúscula quitinete que por motivos de narrativa prefiro descrever em outro momento.

O Brasil ardia politicamente. Fim da primeira metade da década de oitenta, a juventude respirava mudança. Na música, o chamado rock Brasil tematizava as paradas de sucesso dos programas televisivos, bem como dos radiofônicos. A instabilidade inicial de instalação dificultou meu encontro com a moçada de minha idade, levei alguns dias para encontrar os locais onde os jovens divertiam-se.

Com vinte anos recém comemorados, eu ansiava em conhecer os hábitos de laser da juventude fortalezense; fui criado tendo a noite como maior companhia, diriam os especialistas que eu sou notívago, ou boêmio, etcetera, enfim, queria era conhecer a noitada da cidade: os bailes, as festas, os clubes, paquerar e por ai vai.

Depois de perambular por alguns locais, percebi que era considerável a quantidade de jovens em torno da igreja do Pio XII e na praça da Avenida 13 de Maio, próximo à igreja de Fátima, onde funcionava uma movimentada feirinha nas noites de sábado. Meu muquifo era por ali perto da entrada do bairro do Lagamar, continuação da Avenida Rui Barbosa, portanto, eu conseguia chegar a esses dois locais de divertimento caminhando sem muito esforço. Também cheguei a ir algumas vezes ao anfiteatro da Volta da Jurema, na época, um grupo de comunicação local promovia eventos neste espaço, porém, os frequentadores eram visivelmente diferentes daqueles de próximo de minha casa, usavam vestes mais sofisticadas e eram bem mais parecidos uns com os outros.

Foi aí que em uma noite de começo de dezembro, um grupo de amigos conhecidos durante a viagem de ônibus, do Rio para Fortaleza, que durara cerca de 48 horas, levou-me a adentra à Paria de Iracema. As ruas estavam completamente alagadas, havia chovido um pouco e os cicerones reclamavam que aquilo nunca ocorria tão cedo. As chuvas, explicavam, começavam a partir de fevereiro e olhe lá.

Caminhando por entre poças de água chegamos ao Estoril. Abrigamo-nos no interior do que eles chamaram de Vila Morena. Confesso que fiquei completamente impressionado com o ambiente e com seus frequentadores. Um moço de cabelos compridos, que depois o conheci como um dos componentes do grupo Quinteto Agreste, tocava ao violão uma canção de Gonzagão, acho que era A volta da aza branca, não sei ao certo, certamente não me esqueço que todos os que estavam em volta do músico o acompanhavam com efusivo entusiasmo.

Da Vila Morena não esquecerei jamais: todas as quatro paredes perimetéricas do ambiente eram brancas (meio encardidas), as largas portas e as baixas janelas tinham a cor verde; no meio do espaço existia um coqueiro que ultrapassava o telhado de telhas coloniais, a apresentar já algumas falhas, ocasionando goteiras. Os presentes, espalhados em cadeiras ou em pé, agrupavam-se sem seguir qualquer ordenamento. Homens e mulheres conversavam amistosidades ou cantavam as músicas interpretadas pelos cantores que se revezavam em torno do único violão. Quando a chuva ameaçava engrossar o local ficava mais disputado. Os olhares se entrecruzavam, as respirações se aproximavam e os corpos se esfregavam ao forçar passagens em espaços apertados que não permitiam duas pessoas ao mesmo tempo, mas era isso que possibilitava tamanha sensualidade. A essa altura, minha excitação já não era pequena.

Foi do lado de fora, estando eu de costas para o mar, que ficava a menos de 30 metros, escorado em uma das janelas e olhando para dentro, que pela primeira vez tive a impressão que estava em Fortaleza não somente para passar uma chuva. Decerto que a cidade muito mudou. A Praia de Iracema se modificou. Sumiu a boêmia, a Vila Morena não agrupa mais. Muitas intervenções foram feitas por lá, uma ruma de turistas apareceu, trouxe comigo, dizem: desenvolvimento, prostituição, violência... Bem, e os moradores? A maioria desapareceu.

Já se vão cerca de três décadas, tenho um filho e uma filha, ambos nascidos aqui. Hoje, posso afirmar que não é somente os muitos encantos desta cidade que me prendem a ela. Creio que se fosse apenas por ela em si, eu já haveria de ter caçado outras paragens. Contudo, as muitas e fortes relações pessoais prendem-me decisivamente ao solo cearense. Elas foram se enraizando e pouco a pouco formaram minha maior âncora na cidade de Fortaleza: as pessoas.

Escolho, para terminar esta crônica, uma dessas pessoas: Irismar, que aqui chamarei Íris de Iracema. Apesar de todas as transformações ocorridas no bairro praiano, essa mulher continua recebendo seus eleitos para almoçar, lanchar ou simplesmente fofocar com todo vigor que seus setenta e tantos anos lhes guardam. Criou suas filhas neste bairro, assistindo suas transmutações, sem perder sua íris de ver a vida.

Às vezes acho que a praia é pequena para ela, tamanha é sua desenvoltura e entusiasmo diante de suas fantásticas histórias. Quando a olho desatentamente, penso que ela acabou de sair da tela, saltando do meio de uma daquelas tramas de Pedro Almodóvar. Para terem ideia, Íris de Iracema separou-se do marido há mais de uma década e continua coabitando a mesma casa (será que a Praia de Iracema tem esse poder?).

A sua história mais interessante é sobre a primeira escola de samba do Ceará. Contou-me esse ocorrido enquanto cozinhava. Eu, aflito para saber mais, e ela tranquilamente envolvida com panelas e temperos, entre a mesa de jantar e o fogão, garantindo-me que foi a primeira porta bandeira do Estado, afirmando com toda sua energia que tem as provas: fotos e recortes de jornal. Irada com as publicações sobre esta agremiação carnavalesca que omitem seu nome, deixa transparecer certa ponta de angustia com a suposta ingratidão.

O mais fantástico, enquanto as panelas cozinhavam, era observar seus gestos imitativos do tempo em que era porta-bandeira. Íris de Iracema apanhou o pano de prato e com passos de um lado a outro, para frente e para trás, alcançando os braços em formas circulares para cima e para baixo, fazia-se a verdadeira e original primeira porta-bandeira do Ceará.

As provas? Para falar a verdade nem me interessei em investigar. A performance de Íris de Iracema à beira do fogão, tendo a mim, seu ex-marido e suas filhas como espectadores, servem muito mais como testemunho do que as páginas dos jornais da época ou as fotos guardadas por algum colecionador.

Chica Galilea



"oh se me lembro e quanto.  
e se não me lembrasse?  
outra seria minha'alma  
bem diversa minhs face"  
carlos drummond de andrade

fazer prosa é fazer poesia - e fazer vida é correr risco - seja na pi  
(praia de iracema) - seja no velho continente - em berlim ou ny tudo  
conspira na poesia e maresia da escrita de deri.

salve o samba e a arte da escrita : salve salve - samba-rock !

mardônio franca, poeta-editor



este livro foi publicado sob licença creative commons, permitindo a qualquer pessoa copiar, utilizar e compartilhar seu conteúdo, desde que obedeça à mesma licença, sempre citando a fonte original, e nunca para fins comerciais. qualquer alteração nos textos não será permitida sem o consentimento do autor. para conseguir uma cópia desta licença, acesse o endereço <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br>



impresso em bookman old style 10  
cartão supremo 250g / polem 80g  
nas oficinas da Expressão Gráfica  
para a Editora Corsário em Fevereiro  
de 2017.